

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO I

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 5

São Paulo, Janeiro de 1956

Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

República — Desgraça no Brasil e em todo o Mundo

1. Ao falarmos contra a república e a democracia no Brasil, surge logo à baila o exemplo mirabolante da Suíça e dos Estados-Unidos para contraditar "fulminantemente" as nossas críticas e afirmações. É porque grassa escandalosa a ignorância nos palpiteiros metidos a sabedores, alheios realmente a tudo quanto vai pelos caminhos do mundo, a não ser aquilo que os propagandistas de utopias querem instilar nas mentes primárias ou incautas de tanta gente.

2. Farta é a messe de panegíricos sobre repúblicas e democracias, tanto liberais como soviéticas e "populares": Norteamérica, Suíça, Urss, China e o último desgraçado, o Egipto. Basta dar um relance pelas bancas de jornais, que se verá pompeante, de cambulhada com os jornais abertamente vermelhos, a literatura epinicial das repúblicas e democracias torturadoras de tantos povos do mundo. E será muitíssimo mais provável condenarem-nos as autoridades e apreenderem "MONARQUIA" como jornaleco perigoso, do que todo aquêlo opulento arsenal de venenos.

x x x

3. Modelares as ditas repúblicas dos contraditores?

Ora, o norteamericano Joseph S. Clark, JR., já citado em nosso número anterior, analisando a situação dos políticos nos Estados-Unidos em comparação com outros profissionais, mostra-nos o desprestígio lastimável em que lá estão, a ponto de se oporem os pais a que seus filhos se metam na política, donde resulta que esta sômente recebe os refugos dos ofícios dignos (Politics, still operating on the level of chance, is getting the leftovers).

4. "Esta atitude — pondera — é reforçada pelas safras contemporâneas ocasionais de corrupção e tácticas sujas na vida pública. Criam elas um clima de opinião que nega à política o respeito em que é tida noutras democracias vitoriosas. Na Inglaterra, Suíça e Escandinávia, é a política profissão honrosa. Enquanto ela se não tornar tal nos Estados-Unidos, não conseguiremos tantos políticos bons e bem adestrados quantos necessitamos" (Artigo, "Wanted: better politicians", revista The Atlantic, agosto de 1955).

Estão vendo os abstractos panegiristas? Tal e qual em nosso País!

x x x

5. Poderia o articulista citar outros Estados decentes, todos monárquicos, nos quais a política se revela coisa séria e honesta: Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Japão, a Grécia que não agüentou muito tempo a calamitosa república que lhe impuseram e mandou chamar o Rei que fôra viver na Inglaterra. Etc.

Refere-se, porém, êle a uma república (embora sui-generis): a Confederação Suíça.

6. Mas a bem suíça "Gazette de Lausanne" mimoseia-nos com isto:

— "A máxima Salus populi suprema lex esto a nossa Constituição substitui esta: Seja lei suprema a vontade do povo. Acarreta isso flagrantes inconseqüências. Condena o governo responsável a refazer de noite o que o sufrágio popular estra-ga de dia... A nossa Democracia tão gabada parece-se com

uma feira numa praça. De soberana que era, ficou uma criada para todo serviço" (Abril de 1935).

Não se diz igualmente entre nós que a natureza brasileira refaz de noite o que os políticos estragam de dia? Não se diz que o Brasil vai bem unicamente quando os nossos políticos (republicanos) estão dormindo?

x x x

7. Continuarão, todavia, os nossos politiquinhos interessados no negócio e certos jornalistas — uns e outros tão ignorantes ou de má fé como os bocaiuvas da "propaganda republicana", que nem sequer tomavam conhecimento da tragédia política da republicana América Espanhola! — continuarão a citar os "modelos" Estados-Unidos e Suíça, contra a experiência e contra a verdade política.

8. Não lhes interessa salvar o Brasil. Pretendem essa impossibilidade metafísica e política, comprovada pelos factos: salvar a república, salvar a democracia... contra o Brasil!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

SUCCESSÃO PRESIDENCIAL

O mal grandíssimo e irremediável das instituições republicanas consiste em deixar exposto à ilimitada concorrência das ambições menos dignas o primeiro lugar do Estado, e, desta sorte, o condonar a ser ocupado, em regra, pela mediocridade. — RUI BARBOSA.

MONARQUIA É GOVERNO, É CONTINUIDADE

Quem lê, com atenção, de fio a pavio, as leis joaninas, rubricadas no Brasil em 1808 e 1821, não se entusiasma por nenhum programa antigo de governo.

Dom João VI de tudo cuidou, de tudo se preocupou, sem preferências nem idéias fixas por nenhum problema. Abrangeu o Brasil, que se modelava, em todas as suas possibilidades, ferindo todos os pontos de utilidade económica.

A leitura de seus Alvarás, Decretos, Decisões, Cartas Régias e Avisos, deixa no espírito contemporâneo de quem os lê, a surpresa de notar que êle conheceu profundamente as necessidades do Brasil. Os que o sucederam no governo do País, nada inventaram, nada criaram em matéria de Direito Administrativo — nihil novi. Das duas uma: ou aquêlle Habsburgo-Bregunça tinha mesmo boça para essa coisa de administração pública, para a qual se deve exigir em primeiro lugar o bom senso, ou os seus Ministros foram homens geniais.

Pendo, todavia, pela primeira asserção.

— Disse-o Jaime de Alencar, Portugal e Brasil de D. João VI, Casa Ramalho Editora, Macaé, 1940. E nós estamos com êle no atribuir ao Rei apenas bom senso, coisa que toda gente tem quando CUIDA DO QUE É SEU. Ora, o Rei, o Imperador, tem a vida ligada à Nação. É dono da empresa. Desgraça dela, desgraça dêle. Não é mercenário efêmero. Daí, continuidade, responsabilidade, prosperidade real, não fictícia.

ORAÇÃO NO DIA DOS MORTOS PATRIANOVISTAS

A spondera secular desta igreja que é um monumento lembrando um passado crum de religião e lutas pela sobrevivência da Pátria, tenho a honrosa oportunidade de vos dirigir a palavra. Dentre tantos homens aqui presentes, mais capazes quer pelo elevado desenvolvimento intelectual, quer pelos conhecimentos práticos da vida que só a idade ensina, quis o Chefe Geral que eu fôsse o orador oficial da solenidade. Recebi êste oferecimento como uma homenagem aos moços à minha geração.

E assim venho prestar o meu tributo ao Dia dos Mortos Patrianovistas. Não sei se deve dizer que estamos homenageando os mortos. O vocábulo, morto,

parece significar fim, desaparecimento, ausência perpétua. E há homens que nunca desaparecerem. Há homens que, embora partindo para a eterna viagem sem volta, dormindo o calmo sono sem sonhos, continuam vivendo em nosso afeto, em nossas corações, em nosso respeito, em nossa veneração, pelo que fizeram por nós, pela nossa Pátria, pela nossa continuação de povo nobre e livre. São aqueles que escreveram o nosso Evangelho, que marcaram a sua passagem entre nós pelos exemplos mais dignificantes. Que escreveram a nossa história, traçaram a nossa geografia e souberam, no último momento, entregar a alma a Deus, com a consciência tranquila do bom dever cumprido. Mortos, continuam vivos. Longe, sentimos-os perto, compartilhando as nossas dores, as nossas alegrias, as nossas vitórias e as nossas derrotas! São parte de nós mesmos, porque são partes de nossa história e de nossa formação!

Os mortos governam os vivos, quando esses mortos souberam ter um passado como o desses que aqui estamos reverenciando. Não morrem pois os que fizeram, de sua vida, uma epopéia de heroísmo e sacrifícios em prol dos interesses mais caros da Pátria.

A sua memória é indestrutível. Séculos suceder-se-ão. Gerações serão substituídas, mas os seus nomes continuarão na história como fundadores de um povo e de uma nacionalidade!

Gloria pois a eles! E como melhor glorificá-los? Como mostrarmos às gerações futuras, que não fomos surdos às suas pregações, seus exemplos, seus sacrifícios? Como provarmos que o tempo não desfilou a raça, não abateu o nosso espírito, não acovardou a nossa coragem? Que somos dignos das conquistas que fizeram? Que um momento sequer nos abatemos frente a qualquer dificuldade? Lutando, lutando em todos os terrenos e todas as situações, nas cátedras, nos púlpitos, nos parlamentos, nas oficinas, nos hospitais, ou nas horas sangrentas, nos campos de batalha. Lutando sempre pelo amanhã da Pátria. Só a luta engrandece o homem e consolida as instituições.

"Eliminar as lutas, além de impossível, seria danoso. Todos os progressos da humanidade foram conseguidos através de uma série de lutas. Um acordo geral seria também uma decadência geral.

Se essa aspiração, saindo do campo da utopia, conseguisse realizar-se, seria não somente um dano, mas a inevitável decadência da humanidade. Jamais haveria uma sociedade estável. Se existisse, sufocaria todas as iniciativas e destruiria os fermentos das maiores transformações". A nossa vida não é senão uma interminável série de lutas; a condição do desenvolvimento dos homens que vivem em sociedade é somente e sempre a luta.

Quem quer viver deve lutar; a própria família, o município, a província, a Nação são organismos de luta, a qual lhes é necessária. Lembremos Gonçalves Dias:

"Não chores, meu filho,
Não chores que a vida
é luta renhida;
Viver é lutar.
A vida é combate que aos fracos abate,
que aos fortes e aos bravos só pode exaltar".

Aquêle que diz: "Eu quero!", é como a ave que se levanta na força das próprias asas, cruzando os ares como bem entende.

Aquêle que diz: "Eu espero...", é como a flecha que se dirige somente na direção da pontaria, caindo inerte desde que cesse o impulso da corda que a disparou.

A história de uma nação se escreve retratando as suas lutas sob todos os ângulos. São os exemplos mais diversos que formam o código de um povo destinado a ocupar papel saliente no conceito das nações e da civilização. Lutar e lutar por uma causa nobre tem que ser sempre a nossa meta, o nosso sonho, o nosso alevantado ideal. Do Céu, os nossos mortos velarão por nós.

Sentir-se-ão felizes vendo que o seu estandarte, a sua bandeira, não caíram por terra. Que elas passaram para nossas mãos que saberão conservá-las desfraldadas, bem alto, aos ventos da Pátria. Que continuamos orando e honrando os nossos mortos. Que os seus sacrifícios não foram inúteis e que os moços de hoje, responsáveis pelo futuro da nacionalidade, continuarão a luta e sempre saberão cair de pé. Dignos das gerações passadas.

SAMUEL FRANCO

FALAM OS PAIS DA REPÚBLICA

Hoje, e desgraçadamente, estamos no limiar de indistigável situação caótica. Num espectáculo inédito para a nossa vida republicana, jamais visto mesmo na história de qualquer país que adopte o regime presidencial, apresentam-se, lançados já, seis candidatos à suprema magistratura do país. Enquanto a fome ronda os lares modestos, como decorrência da onda inflacionária, que corre parilha com a nossa incapacidade para contê-la e estancá-la, as ambições desvaídas vão contribuindo para que se formem, entre nós, dia a dia, hora a hora, as trágicas condições que fizeram o infortúnio de tantos povos.

— Etlvino Lins, Correio Paulistano, São Paulo, 8-6-55.

DEFESA DA "PETROBRÁS"

Ao Exmo. Sr. Deputado Federal Pereira da Costa dirigiu o Chefe Geral Patrianovista o seguinte telegrama aos 14 do corrente:

— A A. I. P. B. congratula-se com V. Excia. pela corajosa e patriótica defesa da inviolabilidade da Petrobrás, baluarte da economia brasileira.

Quem pagará a despesa ?

Analisando-se o que os candidatos gastaram — até onde se sabe que o fizeram — ficamos estarelecidos.

Diz-se, com foros de verdade, que o Sr. Adhemar de Barros gastou perto de 200 milhões de cruzeiros; que o Sr. Kubitschek andou beirando esta quantia. Confessou o Sr. Juarez que se precisasse pagar as suas cédulas teria que abandonar o pleito e — só estás — atingiram a um valor de 10 milhões de cruzeiros para cada candidato. É óbvio que S. Excia. só disse isso para impressionar o seu possível eleitorado; entretanto, esta confissão nos serviu de ponto de partida para imaginar o quanto S. Excia. teria gasto com outras despesas, evidentemente bem maiores do que essa, como por exemplo viagens aéreas por todo o Brasil, programas de rádio e televisão em cadeia por diversas emissoras — programas caríssimos — cartazes, cinema, etc.. O mesmo se poderá dizer do outro candidato dito "pobre", o Sr. Plínio Salgado.

A não ser o Sr. Adhemar de Barros que alegou possuir uma fortuna de 1 Bilião, fortuna esta que intriga a muita gente, chegamos à conclusão — depois de analisar as declarações de pobreza dos demais candidatos — que, nenhum oísteis, tinha condições financeiras para fazer face às tremendas despesas exigidas pela campanha eleitoral... Acoda-nos ao espírito, então, a crucial pergunta: quem financiou os candidatos e com que fito o fez?

* * *

Será que o candidato, eventualmente eleito, não teria que pagar, ao seu financiador, a dívida contraída e, no caso do Sr. Adhemar, não iria, no governo, procurar recuperar, pelo menos, o capital empastado no "negócio"? Com que meios o faria, se os honorários de Presidente da República são ridículos, em face do montante gasto por qualquer dos candidatos às últimas eleições? Não será mais lógico pensar-se que esse pagamento se faria através das vacas leiteiras que se chamam sinecuras, "mamatas", negociatas, etc., etc.? Não será isto, porventura, o que o candidato eleito terá que fazer? Iria a nação ser governada com patriotismo e honestidade, fosse qual fosse o candidato a ser eleito?

Irá a nação ser governada, ou...?

* * *

Não sou, pela minha formação política, partidário de quem quer que seja, estando, portanto, inteiramente alheio aos interesses em jogo. Sou, apenas, um observador que procura esclarecer-se e, se possível, esclarecendo-se, esclarecer o povo, para que não continue errando, por estar iludido.

Precisamos, comparando, mostrar ao povo as diferenças fundamentais do que acontecia, em matéria política, anteriormente a 15 de novembro de 1889

PRECISAMOS DO NOSSO REI, DO NOSSO IMPERADOR!

O Canadá continua sendo governado pelo regime monárquico. O Chefe do Estado é um Governador Geral representante do rei da Inglaterra. Apêgo à tradição? Quero admitir seja antes sabedoria. O Canadá não conhece por menos um dos perigos da prática do sistema republicano: a sucessão presidencial. PUDÉSSEMOS NÓS IGUALMENTE TER UM REI, um rei simbólico, distanciado e inofensivo, que nos mandasse governadores-gerais... Pouparíamos cem mil ras e poderíamos examinar os problemas da vida, em lugar de fazer o estudo vão dos homens para concluir que todos são os mesmos. E, sobretudo, evitaríamos os heróis, aqueles que, sendo piores que os outros, se propõem periodicamente a salvar a república.

COSTA RÊGO, Diário de São Paulo, 9-10-1949

ANALFABETOS...

"Temos disposições na Constituição de 1946 que, postas em vigor, nos produzirão a alfabetização total e imediata. Basta que os governos da União, dos vinte Estados e dos 2.300 municípios celebrem um convênio solene para, em cooperação, decretarem e executarem a extinção total e imediata do analfabetismo. Há 42 anos o autor destas linhas o reclama e o propugna inutilmente".

São palavras do publicista sr. Mário Pinto Serwa, incansável lidador de causas nobres.

Verdade é que a desgraça do Brasil (e bem da república, estranha ao Brasil) são os "sabidos", os semi-cultos politiquês e outros varões de responsabilidade, cuja ignorância profunda de sérios problemas políticos fundamentais da Nação e não só do Povo, os leva a conservar o falso regime actual.

Os politiquês querem "massas" ignorantes, e não povo. Vamos alfabetizar, humanizar e educar as massas... e a república voltará para o inferno donde veio. É o que não querem...

O CACETE REALEJO REPUBLICANO

"A ordem, na república, é cuidar somente da politicagem, embora estejam sofrendo as massas a consequência pior do dismantelo da economia popular. Assim será por muito tempo. Nenhuma probabilidade de orientação mais prática, neste sentido, enxergamos por enquanto, visto como os responsáveis pelos destinos da Nação querem saber como ficarão as coisas no terreno da SUCESSÃO presidencial. É o alvo das preocupações do executivo e do legislativo, ao passo que as medidas tendentes a aliviar a asfixia econômica permanecem nas gavetas das comissões. Faz-se barulho em excesso, anunciando planos salvadores, e esses planos não vêm quando a necessidade os solicita... O que há de palpável e predominante é o eterno debater por amor da politicagem".

— Certamente, estará o leitor pensando que essas palavras foram escritas hoje ou no ano passado. Engana-se! Reproduzimo-las para comprovar a tese patrianovista de que a república é e foi sempre a mesma droga, quer em 1890, quer em 1930, quer em 1956. O que aí reproduzimos saiu em A Gazeta, e 17-7-48. Com todas as "salvações", ela é o que é: "desgraça completa".

e o que acontece hoje. Naquela tempo não se via esta "ferra" financeira, esta bagunça eleitoral que são as eleições republicanas. A nação, apesar de certos defeitos de seu regime, — por ser este de fundo essencialmente LIBERAL — não sofria, por ocasião das eleições, estes choques, estes sobressaltos, estas sangrias provocadas por tantos desperdícios. Não sofria porque tinha um IMPERADOR que, por APARTIDÁRIO, se preocupava, apenas, pelos interesses da nação. Não havia este açodamento, esta luta quase que fratricida, por que os interesses em jogo eram confinados nos municípios, sem repercussão nacional, eis que o imperador era SEMPRE o mesmo, parlando equidistante e acima das questões particularistas de províncias ou regiões brasileiras. Para ele só o Brasil existia e só por ele trabalhava. Tínhamos um governo que não devia obediência a partidos e, por isso, fosse qual fosse o resultado das eleições, a administração não sofria sobressaltos, já que o governo continuava.

* * *

Hoje, os governos se sucedem cada 3 anos, tratando de "governar" segundo os interesses particularistas do partido ou dos partidos que os elegem. São, portanto, descontínuos, dispersivos e esbanjadores, pois a transitoriedade favorece o "aproveitamento", o filhoteísmo, enfim, o "avanço" geral. Provocam, ainda — e o que é mais grave — o regionalismo anti-nacional, insuflado de fora pelos inimigos da nacionalidade brasileira. E, quando as classes armadas — que têm uma grande dívida a saldar com a nação — ameaçam dar o golpe de misericórdia de que tanto o Brasil necessita, gritam, os políticos nacionais, que se deve salvar a constituição, esquecendo-se, ou ignorando, de que o que importa seja salvo é o Brasil. A Inglaterra não tem constituição, no entanto, vive e governa-se, magnificamente, há centenas de anos com seu regime sério, digno e honesto.

* * *

O bom senso nos aconselha, portanto, a revisão do atual pensamento político nacional. Devemos pensar em instituições estáveis, que nos dêem governos que se continuem, que realmente trabalhem pela nação, esquecidos das tricas e furtivas da política sem entrincheiros que, nos poucos, vem destruindo o que ainda resta de nós mesmos, de nossa identidade tradicional, de nossas virtudes velhas que eram aperfeiçoamento de nossos governos imperiais.

É preciso que se eduque o povo, que se lhe abram os olhos, para estes fatos que a política interessada na continuação deste triste estado de coisas não lhe mostra. No dia em que o povo estiver ao pé de toda a podridão deste regime, nesse dia o Brasil será pôsto a salvo da estranha doença que há 66 anos o vem debilitando e destruindo.

José de OLIVEIRA PINHO

PORQUE SOU ANTI-REPUBLICANO...

Eu nasci analfabeto, "paulista", aprendi a falar, o "brasileiro", a aderir um "globo marchetado de estrelas", formei-me maçonicamente, "positivamente", internacionalizado, vivi entre "Praças Marechal Deodoro", "ruas Benjamim Constant" e "avenidas Floriano Peixoto". Não me deram dogmáticamente a religião católica, permitindo-me escolher religiões entre espíritos, protestantes e... mazumbeiros. Cresci, adoquei-me, sob o regime de "meter o pau no governo" e nunca pensar o que se devia fazer em seu lugar. Habituei-me a respeitar e acatar permanentes "chefes provisórios" de governo; a não ter estabilidade; a ser aventureiro e oportunista...

Neste sistema de vida amadureci e tornei-me comum dentro de uma geração de comunistas ricos e pobres...

Um dia, porém abri um livro de história; dessas que não se contam às crianças; dessas que dizem que a pátria está mistificada, desviada há 66 anos de sua trajetória...

Pensei, pensei, e fiquei deveras impressionado com a "desgraça completa" em que vivemos... Resolvi mudar de rumo... Filiei-me a um grupo de amigos que não estavam contaminados pelo vírus republicano...

Custou muito a descobrir o "azimuth" de marcha de meu pensamento, eis que todas bússolas estavam desmagnetizadas. E concluí:

1) Há sessenta e seis anos a república prometeu ao Brasil ordem e progresso, e só nos deu desordem e regresso...

2) Prometeu desalfabetizar o Brasil e minha pátria cada vez mais ignorante e mais explorada por alguns expertos bacharéis...

PROTEÇÃO À LAVOURA... BRASIL, PAÍS PARADOXAL

Enquanto o trigo gaúcho está ameaçado de apodrecimento, desembarca cereal dos E.U.A.

RIO — (Asapress) — Foi desembarcado, ontem, no porto desta Capital, de bordo dos cargueiros "Santa Madre" e "Granni Suzanne", o primeiro carregamento de trigo norte-americano que abastecerá o nosso país nos primeiros meses de 1956. Os barcos lanques despejaram vinte mil toneladas do precioso produto.

Segundo acordo firmado em dezembro com os Estados Unidos, deverá o Brasil receber meio milhão de toneladas de trigo, contra o pagamento, em cruzeiro, num total avaliado em 41 milhões de dólares.

(Diário Popular, S. Paulo, 18-1-56).

VISITAS HONROSAS

— Esteve em novembro p.p. em visita à sede central patrianovista o sr. Pascoal Decrescenzo, DD, Chefe Patrianovista em S. José do Rio Preto, — Iguatema neste mês, em missão confiada pelo Conselho Imperial Patrianovista Municipal de Pessô Fundo, visitou-nos o sr. Euclides Bordignon, M. D. Coordenador Patrianovista no Rio Grande do Sul.

Ambos os correligionários foram efectivamente recepcionados e honrados pelo Chefe Geral e Conselheiros de Pátria-Nova, que lhes agradecem a fraterna visita.

3) Há sessenta e seis anos não mudou um só dormente da Estrada de Ferro Central do Brasil, apesar de todo dia "meter o pau" na direção da mesma...

4) Viveram sempre falando na salvação da lavoura, e esta, cada vez mais ronciosa, cada vez em maiores dificuldades financeiras, mais primitiva, permitindo qualquer nação passar-lhe à frente...

5) Encontrando resolvidas tôdas questões de fronteiras, uma nação integral e grande, fez o inverso: criou problemas, doou faixas de terras à Bolívia e ao Peru, sem procurar sequer explorar o invasor da Guiana Inglesa;

6) Não resolveu, não deteve, não racionalizou a desmatção de nossas savas; ao contrário, pelo tudo, queimou tudo, estragou tudo até deixar o Brasil careca.

7) Nossas marinhas de guerra e mercante, que eram das maiores do mundo, inferiorizaram-se a qualquer república "sul" americana, ou "latina"...

8) Perdemos mercados tradicionais para os nossos produtos e adotamos um comércio artificial de bujigangas e de "negócios" internacionais...

9) Prometeram-nos ideal da pátria e nos deram ideais separatistas...

10) Da vanguarda em que estávamos, ficamos em último lugar no concerto das grandes nações políticas, inclusive os E.U.A. que nos passaram em grande dianteira... (O nosso "modelo").

11) Há sessenta e seis anos que a família brasileira anda "desunida", apesar da mentira de "união-federal" que nos prometeram.

12) Há sessenta e seis anos que o Brasil vive ronciosamente exportando seu ouro, seus minérios, suas riquezas, empobrecendo-se em paga de tão grande contribuição que dá ao mundo.

13) Destruíram a vitalidade do município (célula da nacionalidade), para em seu lugar criarem êstes "monstros estaduais".

14) A imigração italiana para cá trazida pela Imperatriz d. Maria Cristina, para substituir o braço escravo, foi "abafada" por levas de desempregados internacionais, em vagas constantes, até desnacionalizar o último vestígio de brasilidade...

15) ...

16) Uma praga que não tínhamos, os trustes internacionais, passaram, desde 1889, a vicejar em toda nossa economia, hiperatrefindo a economia nacional.

17) O Banco do Brasil passou a ser instrumento de financiamento de grupos políticos e o dinheiro nacional a veículo de corrupção.

18) A inflação, iniciada com duzentos mil contos, continuou, sempre e sempre, em espiral interminável;

19) Tínhamos ouro, e muito ouro, que extrairmos de nossas minas; hoje, e cada vez mais, nos despojamos do mesmo inutilmente, para depois irmos novamente pedi-lo emprestado.

20) Na política internacional e na diplomacia, pouco ou nada evoluímos; tudo jaz como estava, um pouco... piorado!

21) Se, com os recursos da aviação, do automóvel, das locomotivas elétricas, da eletricidade e da gasolina, não conseguimos aparelhar o país para atender o vulto crescente da população, da indústria e do comércio, isso nos faz até sentir saudades dos... carros de bois, do monjolo e do engenho de madeira!

22) Em troca de um parlamento de homens susteras, probos e estadistas, deu-nos a república um congresso de infra-homens comerciantes e aventureiros, num crescendo sempre maior de inferioridade. Adeus Varões de Plutarco!

23) Para substituir a nobreza vitalícia, a nobreza nobre, aberta para entrar e para... sair, deram-nos um churrinho de "coronéis da aldeia", de prestigiosos cabos eleitorais, de influentes capitalistas...

24) O nosso clássico toucinho de porco foi abolido de nossas cozinhas pelo "azeite" de caroço de algodão; a nossa pinga, por uísque; o nosso joguinho de bicho, por corridas de cavalos...

25) As nossas noitadas juninas, as procissões, as quermesses, foram substituídas pelo carnaval, cada vez mais debochado... (e chamam isso de progresso!)

26) Nas letras, desapareceram os poetas; na pintura, os pintores; na música, os músicos. O que existe por aí não é poesia, não é pintura, não é música: é confusão, e falsificação.

27) O exército é composto de generais e está cada vez mais desarmado, servindo-se dos remanescentes da última guerra...

28) Há sessenta e seis anos que prometem transferir a capital; até parece o insolúvel "problema" da sucessão... não resolvem nunca.

JERÓNIMO RICARDO DE MATTOS

ENERGIA ATÓMICA

Ao Exmo. Sr. Deputado Federal Dagoberto Sales, dirigiu o Chefe Geral Patrianovista o seguinte telegrama:

Queira V. Excia. receber as nossas sinceras e entusiásticas congratulações pela apresentação do projecto de lei sobre energia atômica, um dos fundamentos básicos da nossa futura grandeza.

É DIFÍCIL FAZER A MONARQUIA...

Se toda essa legião de derrotistas, critiqueros, desleais, pessimistas, ocultadores dos esforços de Pátria-Nova, sábaritas, sovinas, oportunistas, trabalhasse leal e eficazmente pelo Império como o fazem os Patrianovistas, estaria muitíssimo mais próximo do que já se nos afigura a restauração do Brasil.

Nada adianta dizer que é difícil fazer a Monarquia. Nós o sabemos melhor do que ninguém, pois não começamos hoje. Faça cada uma a sua parte e cada dia que passa estaremos reconstruindo o Império do Brasil que os estrangeiros interiores destruíram para desgraça do nosso Povo e da humanidade.

Sempre foi difícil aquilo que ainda não foi feito.

É próprio dos homens fortes derubar impossibilidades e dificuldades, deixando as facilidades para os moluscos humanos...

Dia dos Mortos Patrianovistas

Evocando a lembrança dos monarquistas falecidos durante o ano passado, "Pátria-Nova" promoveu Missa de Requiem na Igreja da Boa Morte, às 8 hs. do dia 15 de Novembro.

Após a cerimônia litúrgica a que compareceu grande número de associados, reuniram-se os patrianovistas no pátio lateral do templo e, após um lanche que foi servido, usou da palavra o acadêmico Samuel Franco que, evocando a influência dos mortos sobre os vivos, disse da espiritualidade da história "como precursora de todos movimentos que se operam em sociologia". — "No caso brasileiro — conclui o orador —, só a história da monarquia nos oferece um roteiro seguro para a restauração da pátria, tão conturbada está ela com as ideologias estranhas à nossa formação".

Em seguida, incorporados, dirigiram-se os patrianovistas ao Monumento da Independência, onde, na cripta em que jazem os despojos da Sereníssima 1.ª Imperatriz do Brasil — D. Leopoldina de Habsburgo e Bragança — depositaram um original paquife de palmas nacionais. Este paquife, oferecido pelo Dr. José de Oliveira Pinho, armado sobre ramos verdes de ciprestes,

era sobreposto por dois ramos de cica dourados, em forma de coroa de glória, presos na haste por um feixe de folhas, flôres e frutos. Finalmente, dois pendentos de um laço continham os dizeres:

"Aos Soberbos Fundadores do IMPÉRIO DO BRASIL

Homenagem de Pátria-Nova

15 de Novembro de 1955"

Ainda no local, presente o Chefe Geral de Pátria-Nova, Com. Prof. Dr. A. Veiga dos Santos foi redigido um termo com as seguintes palavras, assinado pela delegação:

"Presentes em espírito aquêles que em vida lutaram pelos Ideais de Pátria-Nova, aqui estamos os vivos que lhes continuam a batalha pelo Império". (aa.)

A. Veiga dos Santos, Hermes Di Ciero, Hugo Paulo Liechtenberger, Ugo Morhenan Cuido, Arlindo Baptista Pereira, Jeronymo Ricardo de Mattos, David Simões Júnior, Roberto Cesnik, Avedis Demercian, Samuel Franco, Amadeu Cibella, Benedito Guedes, Wilson Meyer, Estevam M. de Rezende, Gilvécio P. A. de Oliveira, Francisco Barbosa da Silva e Olavo A. Bianco".

RUI BARBOSA ARREPENDIDO

Entre nós, (a proclamação da república) foi como um espetáculo, uma surpresa, um sonho, passado fora da nação a que o sr. Aristides Lobo confessou que ela assistiu "bestificada" e para a qual se continuou a portar com a mesma indiferença. Ninguém podia antever a durabilidade de instituições criadas por uma revolta das baionetas e recebidas pela nação com essa glacialidade. Nós contávamos sessenta anos de ordem constitucional com a Monarquia e dela variáramos súbitamente para uma novidade que não tinha a menor radícula na História, ou no temperamento nacional. — Discurso em Campinas, em 1909.

— Não adianta, Mestre Rui! A república, odeia a verdade e a justiça. Continuará nas suas escolas primárias, ginásios e colégios, a mentira oficial de "república proclamada por **TODO** o Exército, **TODA** a Marinha... e o coitado do Povo... bêsta", que está até hoje pagando o que não fez!

DA INJUSTIÇA A LIÇÃO

O desastroso 15 de Novembro trouxe para nós a República que ninguém encomendou. Veio ela cortar os altos destinos do Brasil. O Império para nós era como que um lago azul, em que tudo ia bem. A vida corria tranquila, tinha-se confiança no futuro, tal o respeito que a todos infundia a figura extraordinária de Pedro II, o maior de todos os brasileiros, tamanha era sua bondade, cujos atos da história o próprio tempo jamais poderá apagar. A República transformou esse lago azul, que era o Império Brasileiro, num mar de lama e aí está a lição da injustiça que contra os brasileiros se fez. Mas conhecida a causa do nosso mal, que é essa tortuosa República (um tortuoso, não sou obrigado a dizer bem de uma coisa que não presta para o Brasil), República das bancarrotas, como por exemplo o célebre escândalo da prata negociada há anos com a Alemanha, para onde foram transportadas as cunhagens da Casa da Moeda para a casa "Uslender & Cia." e o Governo não pôde recuar. O Governo Alemão resistiu dizendo: "Conheço as leis do Brasil! É tarde, o Governo não pode voltar atrás, tem que pagar". E o Brasil veio à bancarrota por inépcia do Governo. Assim como esse numerosos outros escândalos se verificaram e verificam como o País todo sabe. República é prazer dos homens maus, e eles sentindo esse prazer não querem ver nela a desgraça do Brasil, embora seja essa a mais pura das realidades. A República transformou o lago azul Imperial em um mar de lama e nele vivem os homens maus atolados até que um dia, quem sabe, iluminados pelo Cruzeiro do Sul lá do alto, despertem com a graça de Deus, reconhecendo que realmente o mal do Brasil sempre foi e é a República por nós não encomendada, mas sim, repudiada, por ser anti-nacional, embora tantos não aceitem a tese. Todos os candidatos ao posto de mando, todos eles, sem excepção, para serem eleitos prometem ao Jeca e ao povo salvar o Brasil, mas só prometem; salvar, que é bom, nunca fizeram, porque depois de eleitos eles servem ou salvam os partidos, meros o Jeca, o povo, o Brasil. Felizmente ela não encontrou raízes no coração dos brasileiros, pois existem no País milhões de patriotas contrários a essa fantasia denominada República, em que os primeiros a se decepcionarem e já arrependidos foram os próprios fundadores, ou os seus mentores. Até quando a injustiça? Quando o idealizar no horizonte do sol risonho anunciando a reconquista do Brasil para os brasileiros? Quando? Só com a instauração do III Império poderemos ter um Brasil brasileiro, a MAIOR POTÊNCIA DO MUNDO, com a qual sonhamos.

Arlindo BAPTISTA PEREIRA

ZÉ-BODOCAS, PRESIDENTE

Certo dia um brasileiro de nome "Zé-Bodocas" teve uma idéia "milagrosa": queria ser Presidente da "Ré-pública". Contratou um partido para registrar a sua "candura"; ou melhor, a sua candidatura. Depois procurou firmar contrato com firmas comerciais para financiar a campanha política. Começou o barulho: Era uma palhaçada. Xingavam-se uns aos outros assim como os anteriores se xingaram. A "imprensa desbocada", digo a imprensa livre, transmitia tudo aquilo em manchetes garrafais. As ruas estavam "enfiteadas" de propaganda eleitoral e os "catadores de papel" ganhavam mais dinheiro; tudo era sujeira e sujeira de mais sujeira. Finalmente chegou o esperado dia da votação. Zé-Bodocas pulava de alegria. Pagava "chopp" a quem dizia ter votado nele, mas tudo com o dinheiro dos outros, pois ele era homem do "povo" e não tinha nenhum grão para pagar pelo rabo. Os dias se passaram. As apuradoras vêm tão rápidas que correm na velocidade de 60 segs. por minuto durante quase meio ano nesta morosidade. Finalmente foi empoeirado; Cercaram-se de Zé-Bodocas os seus "maiores amigos". Todos eles queriam um emprego público dizendo que tinham trabalhado por ele e por esse motivo "necessitavam" de alguma ajuda. Zé-Bodocas não entendia patavina de Godê toda a sua carreira política. As mesmas empresas que antes financiaram a campanha foram "obrigadas a pedir uma brecha" no governo de "Zé-Bodocas", que nada rejeitava. Não podia dizer que "não", porque havia o perigo de não ser reeleito. Arrumava tudo: eram empréstimos, era cancelamento e

LIVROS PATRIANOVISTAS À VENDA

Orgânica Patrianovista	Cr\$ 70,00
O problema operário e a justiça social	Cr\$ 10,00
De Nóbrega e outros patriotas	Cr\$ 15,00

Brevemente:

A Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino, obra do Chefe Geral. Pedidos à nossa caixa postal.

abono de impostos, era apadrinhamento; tudo, enfim, que essas companhias queriam Zé-Bodocas foi cedendo, cedendo, até que um dia vê que tudo é uma "franco-embalhada" e que a "maçona" é influente. É quando perde a paciência e resolve não conceder mais nada a ninguém. Foi o fim de toda a sua carreira política. As mesmas empresas que antes financiaram a sua campanha passaram a financiar uma outra campanha, sendo esta, entretanto, uma campanha de difamação de seu desvaireado governo. "Não sabe governar quem a todos quer contentar", diz um ditado, que Zé-Bodocas por certo não conhecia. Querendo contentar a todos e a todos é levado a um ato suicida: quer ser ditador, mas, como ele não entende nada de administração e nem de coisa alguma do governo, e por estar ele antes apoiado em partidos políticos que só viviam interesses, o nosso coitado Zé-Bodocas, ontem candidato, é hoje um homem exilado (isolado). Longe da Pátria se arrepende de ter pertencido a toda essa palhaçada "ré-publicana", entra para a escola, aprende a ler e a escrever e tempos após publica um livro contra o regime a que pertenceu. Diante do Lar que o acolhera na infância vê quanto foi cego. Também não via o erro por que estava em um país de cegos. No exílio ganhou o olho da sabedoria e ficou sendo REI no assunto. Viu que tudo aquilo por que trabalhou jamais passou de uma pês. Foi então que começou a estudar história e todas as formas de governo. Entre elas encontrou o "programa Patrianovista Brasileiro". Ficou pasmado, nunca pensara, até então, que havia forma de governo tão congênita à Nação Brasileira como essa. Pensava até que tudo não passava de uma utopia, dizia mesmo: "Com essa forma de governo eu estarei num paraíso de fadas encantadas". Pensou, pensou muito e depois de todo esse matutar, depois de conhecer todo o PROGRAMA PATRIANOVISTA, convenceu-se de que SEM REI NÃO HÁ UNIÃO NACIONAL. E, Zé-Bodocas, de alegria, viveu,

Roberto CESNIK